



Carlos Vieira Faria
Doutor em Sociologia Urbana e Rural / Professor Catedrático Convidado
Laboratório de Arquitectura – Centro de Estudos LabART / ULHT
Correio electrónico: carlos.defaria@outlook.pt

A Casa como Mosaico de Imagens e Configurações

Resumo

Tema inesgotável, falar da casa exige o recurso a uma abordagem pluridisciplinar, porque só ela possibilitará ir além de uma exploração unidireccionada e epidérmica. De facto, a casa não deve ser entendida unicamente em si, visto tratar-se de um objecto criado e construído para ser habitado pelo homem. A sua análise exige então um olhar multidireccionado que explore a casa na sua unidade e complexidade, integrando todos os valores particulares num valor fundamental. Importa então falar não apenas de casa-abrigo, mas também de casa-eu e de casa-planeta. É do exercício deste tipo de olhar que daremos conta neste texto.

O fio condutor que estrutura e orienta este texto parte do pressuposto de que aquilo que define qualitativamente um espaço como significante e o diferencia de outros espaços comuns e homogéneos é a sua capacidade de incarnar e projectar outras dimensões imagéticas, míticas ou lendárias que configuram, na esteira de Eliade, Pessoa ou Bachelard, esses espaços como únicos e extraordinários. É essa exploração epistemológica que pretendemos realizar em torno do espaço doméstico.

A casa-abrigo

“A minha casa é concha...” (Vitorino Nemésio)

O problema da casa, enquanto encarnação do direito de todo o ser humano a um abrigo condigno, continua sendo ainda uma das questões urbanas mais candentes na nossa contemporaneidade, apesar das políticas públicas definidas para tal efeito ao longo do século XX e dos muitos esforços que têm vindo a ser feitos em vários níveis institucionais. Como problema urbano ainda não resolvido, não admira, então, que estudiosos e investigadores continuem a dedicar-lhe uma atenção particular. A prova disto está na organização de sucessivos congressos e na realização de pesquisas doutorais ou de mestrado sobre este tema.

Todo o cientista social que trabalha, estuda e analisa esta problemática urbana junto de populações carenciadas é permanentemente confrontado com uma visão da casa como um mosaico de imagens e intensas representações afectivas e simbólicas. É frequente o uso de expressões como: casa de sonho, ninho, doce lar..., designações que traduzem esse tipo de sentimentos.

Na aquisição deste bem, cujo posse constitui um direito constitucional, o envolvimento activo dos interessados na implementação de acções necessárias à sua solução é hoje considerado um ponto central de avaliação das políticas sectoriais para este sector. É nesta linha que, de forma muito reduzida, vamos utilizar as principais conclusões resultantes da análise de dados recolhidos numa demorada pesquisa levada a cabo na cidade de Setúbal em finais dos anos de 1970 e 1980, abrangendo uma população envolvida em empreendimentos habitacionais dinamizados por Associações de Moradores (AM) ou por Cooperativas de Habitação Económica (CHE). Tratava-se de populações que viveram durante anos a fio em condições desumanas (bairros insalubres, situados a leste e a oeste da cidade) como se fossem “animais” e que reivindicavam o direito a ter uma casa para “serem como os outros”. Todos sentiam que ao envolverem-se, através de AM ou CHE na construção de suas casas e dos seus bairros, isto lhes permitiria assumir um papel central no processo de inserção social e urbana (Faria, 2009).

De um inquérito lançado, em 1995, aos moradores vivendo há já mais de dez anos em cinco destes bairros construídos por acção efectiva das AM ou CHE, infere-se que a maioria aponta para uma valorização/satisfação da casa. De facto, a análise permitiu destacar uma adequação da casa agora construída àquilo que haviam sonhado. Este aspecto merece realce, visto que, volvidos mais de dez anos, o nível da apreciação

positiva dos habitantes era ainda elevadíssimo, isto é, a correspondência entre a casa que idealizaram e a casa que agora possuíam se mantinha. Para estes inquiridos, o confronto entre a casa real e a casa ideal era francamente positivo.

Outra reação não seria de esperar. Para quem havia vivido décadas ou, pelo menos, mais de uma década em barraca, possuir uma “casa igual à dos outros” constituiu um patamar necessário para a apreensão de mudanças no modo de vida e para uma autopercepção de si e da relação com os outros. Com efeito, tinha toda a lógica que a saída da barraca e a aquisição activa de um novo alojamento fosse acompanhada de uma glorificação do fogo, não apenas por uma melhoria da auto-imagem, mas também, como é aqui o caso, por um investimento experiencial e material, afectivo e simbólico, traduzido numa substantiva melhoria das condições habitacionais e, indirectamente, das condições de vida.

Do exposto poderá inferir-se que a aquisição de uma casa «como a dos outros» introduziu, nos quadros mentais da população em causa, uma lógica de inclusão social e urbana. A casa emergia desse modo como pólo aglutinador e estruturador de um novo modo de vida e de apropriação do direito à cidade.

Partindo destes dados, importa agora ir mais longe na análise e identificar outras dimensões existenciais e simbólicas que a casa incarna e representa para todas os indivíduos, independentemente do grupo social a que pertençam. Somente com o concurso de outras disciplinas e de metodologias mais qualitativas se torna possível reconhecer outros elementos que se ocultam na realidade.

A casa-eu

“...Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.”
(Couto, 2003, .p.56)

Um dos aspectos fulcrais da sociologia do quotidiano consiste em olhar o mundo existencial de cada um de nós, para o apreender em toda a sua diversidade, observando com especial desvelo os objectos que nos rodeiam. Tais objectos falam de si e de cada um de nós, motivo pelo qual o seu conteúdo deve ser analisado e interpretado como texto privilegiado (Remy e Voyé). Inspirados em Mia Couto, que escreve “Toda a roupa recebe a alma de quem a usa” (Couto, 2003:163), poder-se-ia, de modo idêntico, afirmar que a casa incarna a alma de quem a habita. Também Michelet asseverou que “La maison, c’est la personne même, sa forme et son effort le plus immédiat” (cit. em Pezeu-Massabuau, 1983). Fica assim plenamente justificado o sentido que Gaston Bachelard atribui à casa ao apresentá-la “comme un instrument

d'analyse pour l'âme humaine" (Bachelard, 1984:19).

Nessa perspectiva, a vida dos objectos que povoam o nosso quotidiano faz parte da vida humana, dado que tais objectos participam na totalidade da nossa existência social e espiritual. Para lá da especificidade indelével do mundo existencial, há que considerar também que o nosso mundo se entrelaça com outros mundos que com ele comungam do mesmo conteúdo vivencial.

É este enfoque cognitivo que trespassa o presente texto de reflexão sobre a casa. O sentido sociológico da casa vem-lhe do facto de ela existir como habitáculo e, naturalmente, por fazer parte integrante da vida humana, em termos das funções que proporciona: protecção e isolamento, mas também conhecimento, iniciação e experiência.

Aceitando a qualidade de protecção como uma das qualidades primárias e substanciais da casa, não queremos deixar de lembrar que esta função protectora assume simbolicamente uma dimensão feminina e maternal (Simmel, 1989: 149-153). A casa protege, com efeito, os seus habitantes das intempéries, dos inimigos e duma maneira geral do caos do espaço (profano) exterior. Não será de estranhar, então, que esta função maternal da casa tenha sido rapidamente captada e utilizada pela poesia e artes. Como habitáculo, a casa é, figurativamente, a expressão natural da experiência humana da mulher, portadora do filho «dentro» dela e do homem penetrando «dentro» dela no acto sexual (Neumann, 1963, cit. em Leland Robert Guyer, 1982: 48) .

O carácter existencial dessa função protectora e maternal da casa abre caminho para a sua abordagem como espelho e texto falante da(s) pessoa(s) que a habita(m). Aliás, Bachelard, na esteira de Marcel Mauss, lembra que as imagens da casa marcam as recordações e devaneios de infância, da adolescência, da maturidade e da velhice de qualquer homem. Segundo este autor, a casa constitui "notre premier univers. Elle est vraiment un cosmos. Un cosmos dans toute l'acception du terme" (Bachelard, id., pág. 24).

Na mesma linha, Fernando Pessoa, de forma inexecedível e acutilante, aborda a casa com uma aguda consciência das suas qualidades protectoras e, por tal facto, utiliza-a para investigar a natureza da psique humana. A referência à obra poética deste autor, ainda que limitada, revela-se, por isso, inadiável e obrigatória (Simões e Montalvor, 1973) A utilização da expressão "casa-eu" como subtítulo está agora justificado.

O entendimento da problemática do "eu-casa" ou "casa-eu", apresenta dois níveis. No primeiro, a casa reflecte naturalmente o "eu" perspectivado a nível da "persona", da micro-escala. No outro nível, a casa projecta o "eu" inserido agora no ecossistema planetário, numa escala muitíssimo mais vasta. Na exploração deste segundo nível

basear-nos-emos em Heidegger (id. lb.).

Quanto ao “eu” da “personna”, a casa em Fernando Pessoa, tanto na poesia heterónima como na ortónima, está profunda e analogamente ligada à percepção do “eu” da “personna”. O “eu” personiano é como a casa que é símbolo e imagem da ordem e da harmonia, onde se acha consolo e beleza, um refúgio das duras realidades da vida. Daí a imagem da casa como janela do mundo (Guyer, 1982: 23-46).

Mas, se a imagística personiana valoriza a casa sobretudo como protecção e isolamento, tal função nem sempre se concretiza. É que o isolamento, refere Guyer, pode ser igualmente negativo, pode representar uma alienação da “personna” relativamente às realidades do mundo. E neste sentido, o isolamento dentro da casa é prejudicial em vez de benéfico. O seu “eu-casa” passa a ser uma prisão, imagem da mãe dominadora. O desenvolvimento desta questão afastar-nos-ia do tema central deste texto (id., 56 e segs.).

A casa-planeta

“...Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida.”
(Couto, 2003, p.258)

Por sua vez, a abordagem do “eu” colectivo como parte do ecossistema planetário implica também olhar a casa como factor de experiência e conhecimento. Na verdade, não se pode esquecer que a casa é um artefacto e a sua concepção formal, variando segundo culturas e civilizações, é uma criação totalmente humana.

A sensibilidade para esta proposta de abordagem da casa vem-nos de 30 anos de prática profissional ligada ao urbanismo, em que a casa se nos impôs sobretudo enquanto objecto que se insere e se enquadra urbanisticamente em realidades mais vastas: o bairro, a cidade, a região, o país, o continente, o mundo, o planeta. Neste ponto inspiramo-nos em Heidegger (1986), no seu ensaio «L’homme habite en poète...» e em Mircea Eliade (1965), na obra *Le sacré et le Profane*.

No citado ensaio de Heidegger, a casa é uma palavra que exprime uma realidade que pode ser traduzida por outros sinónimos como habitação, morada, moradia, apartamento, vivenda. Termos que possibilitam várias interrogações quando queremos situar espacialmente algum dos nossos interlocutores: onde habita? onde mora? onde vive? Na nossa pesquisa sobre Setúbal (Faria, 2009), um morador da cidade respondeu-nos deste modo: “Eu moro onde vivo”, isto é, no espaço que “eu construí”, “eu moldei”.

Ora, para Heidegger (1986: 171 e segs), falar de habitação, implica falar em primeiro lugar de construir, edificar. Daí que afirme que “habiter et bâtir sont l’un à l’autre dans la relation de la fin et du moyen”. A função de construir ou de edificar tem a habitação como fim. Heidegger precisa que esta afirmação não significa que toda a construção ou edificação seja também habitação. A construção de uma gare de aeroporto ou de caminho-de-ferro, de um estádio ou de uma central eléctrica, de uma auto-estrada ou de um mercado, sendo construções, não são todavia habitações, ou seja, habitações onde o homem viva, permaneça.

Contudo, prossegue Heidegger, “ces constructions rentrent dans le domaine de notre habitation”. Segundo este filósofo, todas estas construções, embora não constituindo propriamente abrigos ou alojamentos, permanecem todavia determinadas pela função habitacional, na medida em que elas servem à habitação dos homens. Habitar será assim, em todos os casos, o fim que preside a toda a construção. De facto, quando dizemos construir não queremos afirmar somente um meio para obter uma habitação, uma via que aí conduz, mas afirmar também que construir é já em si mesmo habitar.

Ao interrogar o alto-alemão sobre o significado de construir, Heidegger (1986: 172) descobriu que buan significa também habitar, permanecer, morar. Avançado na compreensão do texto em questão, o autor constata ainda que bauen, forma moderna de buan, continua a significar habitar, mas também a maneira como se deve pensar a habitação. Prosseguindo, Heidegger afirma que bauen, buan, bhu, beo são na verdade a mesma palavra que bin (sou) nas variantes ich bin, du bist (eu sou, tu és). Segundo ele, a velha palavra bauen, à qual se cola bin, significa “eu sou”, “tu és”, mas também “eu habito”, “tu habitas”. Face a isto, Heidegger conclui que a maneira como “tu és” e como “eu sou”, a maneira como nós homens somos sobre a terra é o buan, a habitação. Ser homem quer dizer: ser sobre a terra como mortal, ou seja, habitar (id., ib.).

Isto conduz-nos, pensamos, ao tema da casa como uma “imago mundi”, de que nos fala Mircea Eliade (1965) ou da casa como “um verdadeiro cosmos” de que nos fala Bachelard, acima citado.

Segundo este autor, a casa era considerada, para o homem das sociedades primitivas, como o “centro do mundo”. Por isso, a concepção do plano habitacional à escala microscópica era circular, concêntrica, fechando e escorando-se num mastro que assentava no centro do círculo. Tal concepção arquitectónica garantia, simbólica e ritualmente, a comunicação com o mundo do transcendente.

No mundo contemporâneo, a casa como “centro do mundo” vai ganhando um outro sentido: o mundo como casa do homem. A casa física constituiu um processo lento de

conscientização e conhecimento, levando-o a descobrir que a sua missão de ocupação, transformação e apropriação do território não pode ser prosseguida sem a consciência dos riscos ecológicos que ameaçam a sua vida sobre o planeta. A casa em si perde o sentido total que detinha em favor da casa que é também o bairro, a cidade, a região, o país, o continente, o planeta. Talvez por este motivo se compreenda que a casa do presente tenda a deixar de ser o local onde se iniciava e terminava a vida de cada um, como acontecia no mundo rural.

Era o que Heidegger queria significar com a expressão “L’homme habite en poète...”, ou seja, que a natureza do homem o implica não apenas no cuidar e vigiar, mas também no edificar e no ordenar o território onde habita. Será, através dessa efectiva capacidade em participar e intervir na construção dos espaços à pequena escala onde habita, que melhor se manifesta o traço existencial do homem e o potenciará como construtor e planeador de outros espaços macroscópicos (do local ao planetário): a “casa chamada terra” (Couto, 2003).

Nota final

A finalizar este texto, diríamos que ao homem é pedido que, ao revelar todo o seu saber experimental na concepção e construção activa da sua casa-habitáculo, tenha presente que esta representa uma manifestação e prolongamento do seu ser. Enquanto seu primeiro universo, é na casa-eu que o homem se descobre. É desta constatação que se extrapola da casa-eu para a casa-planeta, casa comum a todos nós, onde o equilíbrio ecossistémico constitui a preocupação central como garantia da sua sustentabilidade e garante de um legado de qualidade às gerações vindouras. Esta dimensão da casa-planeta representa, em certo sentido, o acabamento da criação do mundo.

Desta reflexão agora concluída se pode inferir, então, a necessidade de alargar a abordagem clássica da casa-abrigo com uma visão mais plural, incorporando também neste debate as dimensões da casa-eu e da casa-planeta. É deste modo que se poderá voltar a visão reducionista e inadequada ao tempo presente de Le Corbusier, para quem a casa serviria para a mera função de “máquina de habitar”!

Bibliografia:

- Bachelard, Gaston (1984) - La poétique de l'espace, Paris, PUF.
- Couto, Mia (2003) - Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, São Paulo, Companhia das Letras.
- Eliade, Mircea (1965) - Le Sacré et le Profane, Paris, Gallimard, coll. Idées, n.º 76.
- Faria, Carlos. V. de (2009) - As cidades na Cidades. Movimentos Sociais Urbanos em Setúbal 1966-1995, Lisboa, Esfera dos Caos.
- Guyer, Leland Robert (1982) - Imagística do espaço fechado na poesia de Fernando Pessoa, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Heidegger, Martin (1986) [1954] - Essais et conférences, Paris, Gallimard.
- Padrão, Maria da Glória (1973) - A metáfora em Fernando Pessoa, Porto, Editorial Inova, 1973.
- Pezeu-Massabuau, J. (1983) - La maison, espace social, Paris, PUF.
- Remy, J.; L. Voyé; É. Servais (1978) - Produire ou reproduire? Une sociologie de la vie quotidienne, Bruxelles, Éd. Vie Ouvrière, 1978, tome I.
- Simmel, G. (1989) - La maison, in Philosophie de la modernité, Paris, Payot.
- Gaspar Simões, João e Luís de Montalvor (ed.) (1973) - Obras completas de Fernando Pessoa: Poesias de Fernando Pessoa, 9.ª ed., Vol. I e II, Lisboa, Edições Ática.